



TRABALHANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ENCONTRO DOS SEM TERRINHA

Gabriel Taciano de Oliveira

Universidade Federal da Paraíba, g-taciano@hotmail.com

Resumo: Esse relato de experiência tem como objetivo descrever a oficina pedagogia realizada com as crianças do MST, a relação dialógica criada e seus resultados e de compreender a questão de gênero problematizada. A oficina trabalhada abordou a relação de gênero com tema sobre a vida de Margarida Maria Alves suas contribuições para a classe trabalhadora sem terra e para o feminismo na Paraíba, na perspectiva de conscientizar sobre a nossa relação gênero; e desenvolver relações saudáveis. As oficina foi pensado a partir da leitura e reflexão das obras de BATISTA (2009), CALDART (2004), FERREIRA (2007) e FREIRE (2010), tivemos ótima interação, uma relação de aprendizagem dialógica permitindo a todos aprender com base na realidade, vivência e contribuição de cada uma das crianças, nos permitindo realizar a relação teoria e prática de forma dialógica e inovadora, de fundamental importância esse momento de diálogo e formação entre as crianças do Movimento Sem Terra e nós educadores, tivemos a oportunidade de conhecer também Margarida através das diferentes leituras e contribuições das crianças.

Palavras-chave: Educação do Campo, Gênero e Oficinas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST da Paraíba realiza todos os anos um encontro com as crianças dos assentamentos e acampamentos do Estado, na semana do dia das crianças, como objetivo integrar as crianças dos assentamentos e acampamentos, problematizando as lutas, realidades, vivenciadas pelas crianças, de mobilizar e envolver na luta das crianças Sem Terra em defesa de seus direitos e de proporcionar um momento de lazer e brincadeiras, onde o lúdico possa presentear as crianças na semana do dia das crianças.

O Encontro Estadual dos Sem Terrinha da Paraíba, realizado nos dias 22, 23 e 24 de outubro do ano de 2011, no Ginásio Poliesportivo o Ronaldão em João Pessoa, com o tema, “Plantando e Colhendo Saberes: Os Sem Terrinha, a Agricultura Familiar Camponesa e a Educação do Campo”, nos permitiu a realização de oficinas pedagógicas, envolvendo cerca de 700 crianças. Durante todo o dia 22 de outubro de 2011 estivemos com um grupo de vinte e duas crianças da faixa etária de 08 a 13 anos, onde discutimos a história de vida da camponesa, a líder sindical Margarida Maria Alves.

No ano de 2010 tive a primeira oportunidade de participar do Encontro Estadual dos Sem Terrinha da Paraíba e o ano de 2011 a chance de debates com as crianças a biografia e conquista de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

uma mulher de luta e referência com Margarida Maria Alves e poder de forma lúdica conscientizar e aprender com o coletivo sobre questões de gênero e um pouco do feminismo na Paraíba.

Esse relato de experiência tem como objetivo geral de descrever a oficina pedagogia realizada com as crianças do MST e como objetivo específico de analisar a relação dialógica criada e seus resultados e de compreender a questão de gênero problematizada.

DESENVOLVIMENTO

A oficina trabalhada abordou a relação de gênero com tema sobre a vida de Margarida Maria Alves suas contribuições para a classe trabalhadora sem terra e para o feminismo na Paraíba, na perspectiva de conscientizar sobre a nossa relação gênero; e desenvolver relações saudáveis.

FOTO 1 – Oficinas no VIII Encontro dos Sem Terrinha

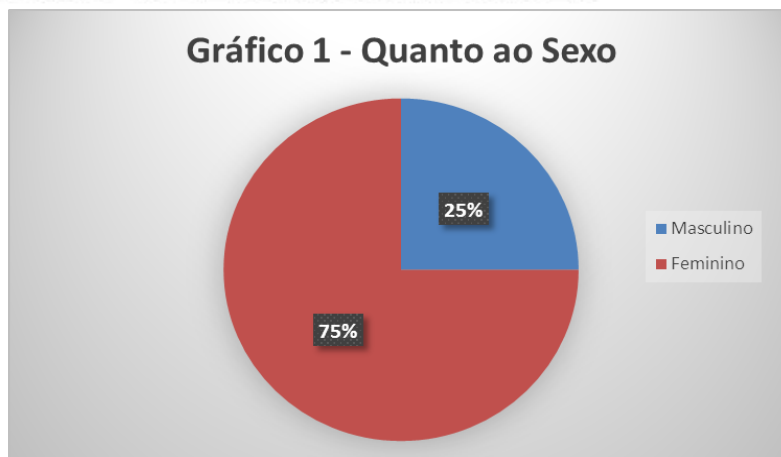


Fonte: Arquivo pessoal, 2011

Podemos observar na foto 1, as criança em momento de interação com dinâmica antes da plenária inicial. No que concerne a realização da oficina tivemos a seguinte configuração de 18 crianças do sexo feminino e 6 do sexo masculino, como podemos observar no gráfico 1, a predominância do sexo feminino.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES



Fonte: Idem

Com a maioria das crianças participantes eram do sexo feminino, tive a percepção de ser esse o motivo da oficina ter sido trabalhada de forma leve e tranquila, não sendo desgastante para os meninos que participavam pois não falávamos apenas do feminismo, mas principalmente da história de luta e contribuições da lutadora do povo Margarida Maria Alves.

O primeiro passo foi uma dinâmica de apresentação onde todos podemos nos apresentar e dizendo nome, a escola, e o assentamento de onde veio, depois falamos sobre a escola do campo, disseram como é a sua escola e discutimos a questão “Como é a escola ideal?”. Em seguida dialogamos sobre as brincadeiras na escola, na interação de meninos e meninas e questionei se conheciam Margarida Alves. Trabalhamos no intuito de questionar o que eles sabiam sobre Margarida e de forma dialógica facilitamos a oficina dando ênfase na questão de gênero, contribuições de Margaria para o feminismo e ganhos aos trabalhadores rurais.

Para podermos efetivar as conjecturas desta investigação dessa pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa, do tipo investigação-ação, que para Severino (2007, p.120):

[...] a pesquisa-ação é aquela que, além de compreender visa interferir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas.

Portanto, como a de coleta de dados nesta investigação, adotamos o diário de campo, entrevistas, fontes iconográficas, vídeos do evento (Encontro dos Sem Terrinhas) e o diálogo com os sujeitos envolvidos, crianças, educadores e dirigentes do movimento.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Os sujeitos da pesquisa são os atores sociais do Movimento Sem Terra, as Crianças do MST, Militantes e Dirigentes do MST – PB. Por uma metodologia dialógica, numa perspectiva embasada por Freire (1987), para a práxis entre educadores e as crianças do movimento, na esperança de compreender o aprendizado desenvolvido na oficina.

De acordo com o educador Paulo Freire o diálogo é sine quo na reflexão dos homens sobre sua situação no mundo com vistas a sua transformação, “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. (1987, p.45)”. Percebemos que o diálogo é o principal instrumento metodológico das oficinas pedagógicas e do processo de pesquisa, e de formação.

Todo o dia da oficina foi pensado a partir da leitura e reflexão das obras de BATISTA (2009), CALDART (2004), FERREIRA (2007) e FREIRE (2010), tivemos ótima interação, uma relação de aprendizagem dialógica permitindo a todos aprender com base na realidade, vivência e contribuição de cada uma das crianças, nos permitindo realizar a relação teoria e prática de forma dialógica e inovadora com os sujeitos do campo, sendo mais específicos com as crianças, permitindo dialogar as diferentes realidades em seus assentamentos e podemos resgatar a história de vida de Margarida Maria Alves e incentivar relações de gênero saldáveis/respeitosas, na formação dessas crianças e na nossa formação como educadores.

FOTO 2 – Plenária dos Sem Terrinha (VIII Encontro)



Fonte: Idem.

Observamos na Foto 2, parte da plenária das crianças antes da socialização das oficinas, onde as crianças teriam a oportunidade de falar das oficinas que participaram, elas nesse momento apresentaria e fariam as avaliações dos momentos mais marcantes do encontro. Permitindo para nós



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

escutarmos o que as crianças acharam da nossa oficina, se gostaram ou não, o que mais marrou, enfim, o que as crianças achassem importante falar sobre as oficinas e o encontro no geral.

CONCLUSÃO

A relação pedagógica existente no dia da oficina foi de grande significado para nossa formação tivemos a oportunidade de realizar uma oficina com temáticas importante e de forma prazerosa para todos nós que participamos desse momento.

Conseguimos de forma lúdica trazer uma conscientização dos temas abordados, de forma que cada criança se via como parte de um todo que pode fazer a diferença.

De fundamental importância esse momento de diálogo e formação entre as crianças do Movimento Sem Terra e nós educadores, tivemos a oportunidade de conhecer também Margarida através do olhar das crianças.

No último dia tivemos a socialização das oficinas na plenária, foi o momento em que as crianças apresentaram o resultado do dia anterior, foi muito interessante, pois percebemos que como foram elas que fizeram tinham muito carinho e orgulho debater e apresentar um pouco da história de Margarida Maria Alves, podemos observamos que em apenas um dia pode fazer a diferença na formação das crianças.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Maria do Socorro Xavier, **Educação Popular em Movimentos Sociais: construindo concepções e práticas educativas emancipatórias**. In: Educação Popular (org.) XAVIER NETO, Lauro Pires. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 2007.

CALDART, Roseli Salette. Elementos para construção do Projeto Político e Pedagógico da Educação do Campo. In: MOLINA, Monica Catagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de. **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. 2004. Coleção Por uma Educação do Campo, nº 5.

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. **MULHERES NA TERRA: o protagonismo feminino como fonte de luta, memória e aprendizagem**. In Educação Popular (org.) Xavier Neto, Lauro Pires. Ed. Âmbito Cultural Edições, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1987.



**XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES**

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.